



Rev. Bras. de Hipnose 2014; 25(1):1-10

ISSN 1516-232X

Associação Brasileira de Hipnose - ASBH

---

*Revista  
Brasileira de  
Hipnose*

---

www.revistaasbhipnose.org.br

## Emprego da hipnose em rituais religiosos: análise crítica e comparativa da metodologia de indução hipnótica com a liturgia religiosa

(Apply of hypnosis in religious rites: critical and comparative analysis of hypnotic induction methods with religious liturgy )

Adelita Fátima de Almeida, Paulo Madjarof Filho

*Psicólogos Membros da AHIESP - Associação de Hipnose do Estado de São Paulo, SP, Brazil*

---

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo identificar os aspectos comuns, cientificamente reconhecidos, no emprego da hipnose experimental em pareamento com as estratégias observadas na liturgia religiosa. Os rituais analisados estão relacionados a denominações religiosas, que foram escolhidas em razão de sua importância e projeção na cultura brasileira. Sob a perspectiva dos métodos formais de indução ao transe, analisamos e avaliamos os elementos comuns presentes na liturgia religiosa e na metodologia elementar de indução ao transe hipnótico. As observações baseadas em nosso estudo demonstraram aspectos e estratégias comuns no método de indução ao transe religioso com resultados assemelhados ao denominado estado hipnótico.

*Keywords:* Hipnose, Religião, Rituais religiosos.

---

### Abstract

This study aims to identify common issues scientifically recognized in the use of experimental hypnosis in pair with the strategies observed in religious liturgy. The rituals analyzed are related to religious denominations that have been selected because of its importance in Brazilian culture and projection. From the perspective of formal methodology to induce trance, analyze and evaluate the common elements present in the liturgy and religious elementary method to induce a hypnotic trance. The observations based on our study demonstrated common aspects and strategies in the method of inducing trance religious with results similar to the so-called hypnotic state.

*Palavras-chave:* Hypnosis, Religion, Religious rituals.

---

## 1. Introdução

Desde a antiguidade a hipnose está cercada por uma aura mística que muito comprometeu a sua credibilidade, tornando-se um assunto marginal à ciência por séculos. Com o avanço tecnológico, foi recentemente resgatada pela ciência, pelas possibilidades de mensuração e confirmação de sua ação e efeito sobre o sistema neurológico e o organismo como um todo.

Do “sono mágico” induzido por Chiron às “curas milagrosas” realizadas pelos sacerdotes nos templos egípcios, a relação da hipnose com o **poder** seduziu homens ávidos pelo domínio e controle de outros homens e grupos, em especial pela intenção e desejo de sujeitá-los aos seus caprichos. De fato o poder está no centro de todas

as questões que envolvem as relações, culturas e o saber humano<sup>1</sup>.

Essa relação pregressa da hipnose com o exercício do poder está fundamentalmente vinculada a essa história marginal, em que a utilização pelos detentores da técnica lhes conferia certa ascensão sobre mentes incautas. De Mesmer a Braid, de Gasnner a La Fontaine, a história invariavelmente relata as influências determinadas pela ação de agentes que produziam respostas alheias à vontade de seus sujeitos, sendo temidos por esse suposto poder. Não incomum, observamos nas ilustrações de livros mais antigos que tratam do tema, a imagem de um homem forte e de olhar penetrante (Figura 1), com a mão erguida sobre a cabeça de outro indivíduo que se mostra fraco e entregue.

A hipnose pressupõe estratégias de comunicação que intenta implantar sugestões sem a participação lógica de quem a ela se submete. Faz aflorar as emoções primitivas tornando susceptível a mente ao cultivo e intenções doutrinadoras<sup>2</sup>. O *sujet* hipnótico tem o seu julgamento crítico significativamente reduzido, abandonando-se a outras e novas “**verdades**”, ainda que muitas vezes de modo parcial. As ciências cognitivas reconhecem e respaldam que a persistência e a repetição levam a sedimentação de um aprendizado cuja repercussão interfere no *modus operandi* de um indivíduo, transformando os seus valores e comportamentos<sup>3</sup>. Assim, quanto maior a exposição ao estímulo, maior a possibilidade de apresentação da resposta<sup>4,5</sup>.

Os passos e procedimentos para a indução consentida e experimental confirmam o modelo do condicionamento clássico pavloviano em que um estímulo neutro e sem repercussão sobre o comportamento, quando associado a um estímulo condicionado, modifica a resposta de um indivíduo<sup>5</sup>. Através de manobras observadas e reconhecidas em rituais religiosos, pode-se conduzir uma pessoa ou um grupo de pessoas a um padrão de conduta orientado a interesses e respostas comportamentais sabidas e esperadas.

Propomos em nossa análise a correlação entre as etapas presentes na indução hipnótica formal para o atingimento do estado hipnótico, cientificamente reconhecido e validado, com os procedimentos ritualísticos observados por grupos religiosos institucionalizados, em especial, a nova

igreja católica ou carismática, e as novas igrejas evangélicas.

### 1.1. Hipnose

O termo *hipnose* acalenta certa ambiguidade por ser empregado para definir aspectos distintos de um mesmo fenômeno. Pode-se fazer referência a uma das inúmeras técnicas de indução, a uma das diversas estratégias terapêuticas ou de intervenção, ou mesmo a um estado psiconeurofisiológico – esse sim, único, variando em grau, mensurado pelas escalas em razão dos fenômenos apresentados<sup>6</sup>.

O fato é que essa confusão na empregabilidade do termo remete ao questionamento sobre o que é ou não a hipnose ou quando essa definição pode ser utilizada na análise dos fenômenos de comunicação, com conseqüente e observável repercussão comportamental. Observamos manobras nos meios midiáticos, nas campanhas publicitárias, em discursos políticos e religiosos, em que o resultado é demonstrado por posições assumidas, valores defendidos, partidarismo e devoção – com o acata-



Figura 1. Tipo de ilustração comum em livros antigos exemplificando o domínio pela hipnose.

mento e redução crítica. Isso é ou não hipnose?

De modo geral a hipnose é definida como um estado modificado da consciência com repercussão nas respostas psiconeurofisiológicas e comportamentais de um indivíduo<sup>6</sup>. A partir desta aceção, há a necessidade de responder as seguintes questões para tal compreensão: o que são os estados da consciência (ou o que difere do que chamamos de “estado modificado”)? E, como se pode produzir tal estado ou mesmo como sabemos quando foi produzido?

Alguns exames, desde o acessível EEG ao sofisticado PET, permitem a verificação respostas neurofisiológicas de um indivíduo sob hipnose experimentalmente induzida, porém esses estados também podem ser verificados (e mensurados) frente a outras condições, que não apenas a indução hipnótica formal. Um experimento realizado demonstra que uma pessoa diante do aparelho de televisão atinge estados análogos ao estado hipnótico, tornando-se sujeito passivo de propagandas e ideologias diversas<sup>7</sup>. Os meios eletrônicos alcançam grandes grupos e se tornam um meio de doutrinação em massa. Não sem razão, empresas e instituições investem em propagandas de ideias e produtos, com retorno garantido.

A indução a um estado hipnótico pressupõe estratégias que podem ser alcançadas por diferentes vias. Na hipnose clínica ou experimental (consentida), os passos dessa estratégia são discutidos e elaborados em conjunto e com objetivos definidos. Na terapia, o terapeuta fideliza a proposta trabalhando os anseios do paciente, que busca por esse meio a revisão de aspectos de desconforto e penúria – neste caso, o sucesso terapêutico não se restringe à técnica exclusivamente. A indicação e o reconhecimento do profissional em questão, a crença do paciente no método, a orientação preliminar e até o pré-atendimento antes da consulta propriamente, compõe o *menu* para a finalidade terapêutica<sup>8</sup>.

Os profissionais da hipnose são reconhecidos em suas frentes de atuação, seja no campo da pesquisa, da saúde ou do entretenimento. Na área acadêmica os estudos são determinados por métodos e procedimentos científicos, fidelizando o experimento. Na área da saúde o profissional utiliza a hipnose no contexto de sua abordagem de atuação profissional, adequando às necessidades do paciente. No campo do entretenimento, o compromisso restringe-se ao espetáculo e encantamento,

sem o compromisso com as repercussões posteriores à ação do hipnólogo.

Para Akstein<sup>9</sup>, a indução da hipnose compreende a técnica estimulativa empregada para induzir o sono hipnótico. Destaca esse autor, que o treinamento e a prática, somados a personalidade do operador, potencializam a resposta ensejada, ou seja, o transe hipnótico.

## 1.2. Transe ou estado hipnótico

A conotação negativa associada à palavra *transe* fez com que muitos terapeutas e estudiosos da hipnose se livrassem dela. A literatura sobre hipnose, em especial nos últimos 20 anos, abandonou a palavra *transe*, utilizando mais frequentemente o termo *estado hipnótico* para designar o estado atingido pelo processo de indução<sup>10</sup>.

Encontramos na origem da palavra *transe*, do inglês medieval e no francês antigo, o significado de grande ansiedade e medo, de *transir*, perecer. No latim a origem *transire*, esta relacionada diretamente à morte. O medo do *transe* está ligado a essa conotação negativa que é a própria morte ou o medo que a precede.

O significado do transe sob a perspectiva da hipnose, como um *estado hipnótico*, é definido como uma alteração das percepções provocada pelo sistema nervoso, que pode ser subjetivamente experimentado de várias maneiras<sup>8</sup>. Uma modificação temporária do sistema nervoso sentida pela alteração das percepções e da atenção é a resultante de um processo ao qual o indivíduo é exposto, com ou sem intenção. Deste modo a abstração provocada pelo fervor religioso ou pelo misticismo, pode também ser compreendida como um transe com redução da consciência em que o indivíduo fica sob o controle de uma força externa<sup>11</sup>.

Os transe rituais habitualmente vistos nos rituais religiosos produzem uma intensa descarga de energias afetivas patogenicamente represadas, gerando autoregulação orgânica e bem-estar biopsicossocial<sup>10</sup>. Para os espíritas o transe é um estado modificado de consciência em que esta se interioriza e manifesta vivências habitualmente reprimidas na vigília. As características psíquicas deste estado são típicas: *rapport*, sugestionabilidade aumentada, estereotípias, literalismo, exibicionismo ou teatralismo. O transe pode ser induzido artificialmente ou espontaneamente, e é de

natureza reversível, havendo pessoas com maior facilidade para este estado<sup>10</sup>.

### 1.3. Consciência

Na busca da definição do que é o estado hipnótico, esbarramos num problema científico-filosófico sobre a própria definição de consciência. As definições apontam para um mesmo alvitre, variando em termos os seus conceitos. A começar pela etiologia oriunda do latim da palavra consciência ‘*con scientia*’, cujo significado é “com conhecimento”, referindo ao completo conhecimento que o indivíduo tem de si e do meio que o cerca<sup>12</sup>.

Penso, logo existo. Essa afirmação do filósofo Descartes<sup>13</sup> propõe uma definição para a consciência como o ato contíguo ao ato de pensar. Definir a consciência apenas pela perspectiva do conhecimento e o exercício do pensamento lógico que um indivíduo reconhece sobre si e sobre as coisas, torna-se parcial e incompleta, especialmente depois de Freud e seu modelo sobre o inconsciente. Freud considerou as razões intrínsecas e chamou de *determinismo psíquico* todas as ações e expressões humanas interligadas, nem sempre identificadas de modo consciente<sup>14</sup>.

Se há algo sobre si conhecido, ainda que não reconhecido ou reconhecido parcialmente, não se pode negar a condição intrínseca de sua existência pela admissão de sua possibilidade de existir. A consciência do EU pode então ser traduzida como a linguagem, abstrações, deduções e lógica do próprio pensamento do indivíduo. Para Sanvito<sup>12</sup>, a atenção e a capacidade de mudá-la seletivamente é um atributo da consciência, bem como a manipulação de ideias abstratas, a expressão pela palavra ou por outros símbolos, a capacidade de evocar o passado e antecipar o significado de um ato.

Penfield aborda a consciência sob uma perspectiva neurofisiológica, localizando-se na porção superior do tronco cerebral onde existe um sistema encarregado da vigília, através da ativação do córtex cerebral de modo difuso<sup>12</sup>. Embora a consciência encontre na organização cerebral sua condição necessária, ainda assim, não se mostra suficiente para a compreensão dos processos da consciência<sup>12</sup>. Para este autor, vigília e consciência

são estados estreitamente ligados que se inter-relacionam.

De modo geral, a consciência pessoal obedece a um fluxo lógico e pode ser representada pelo conjunto de signos e expressões. A modificação da estabilidade desse fluxo gera consequente repercussão nas expressões, sendo então reconhecido como a modificação do estado da consciência. Portanto a modificação da consciência é a quebra de um padrão com efeito sobre as percepções e o processamento cognitivo<sup>6</sup>.

### 1.4. A Emoção na hipnose e a hipnose emocional

Antes mesmo de Mesmer, temos uma descrição do estado de transe como manifestação histérica, determinada por espasmos, contorções, convulsões e somatizações. Análise posterior desses padrões levou à conclusão de Eastbrooks que essas respostas eram a expressão do medo que acometia os indivíduos “magnetizados”. Para Wundt, a hipnose está relacionada aos estados emocionais exaltados. Segundo ele, a reação emocional torna-se aumentada sob esta condição. O aumento da intensidade emocional no estado hipnótico é reconhecido como estabilizador ou alterador do comportamento nas fases do transe<sup>15</sup>.

Aristóteles refere-se à **catarse** como a purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um drama. O termo é também utilizado para designar o estado de libertação psíquica que o ser humano vivencia quando consegue superar algum trauma como o medo, opressão ou outra perturbação psíquica. O estado hipnótico favorece o acesso para purgar os traumas, levando o indivíduo a atingir diferentes emoções que podem conduzir à cura, como demonstrou Freud em seu trabalho com Breuer<sup>16</sup>. Sob a perspectiva religiosa, o êxtase conduz à limpeza espiritual almejada pelo fiel, que também se liberta pela confissão. Neste sentido, as emoções manifestadas pelos participantes de um ritual religioso são também demonstrações de catarse ou de purificação da alma.

Para Priori Maia<sup>15</sup>, A hipnose pode ser considerada como sendo uma dissociação psíquica produzida por reações emocionais, desenvolvidas através da intensificação de alguns estímulos impositivos ou permissivos. Assim, para a indução e manutenção do transe hipnótico é necessária uma

carga emocional. Esta deve apresentar certa intensidade para a ocorrência do transe, pois segundo Priori Maia<sup>15</sup>, ***sem emoção não há hipnose.***

Na hipnose a emoção é intensificada, sendo canalizada através da zona de vigília com liberação subcortical que induz negativamente o córtex cerebral. A emoção intensificada nesse procedimento é produzida por estímulos partidos do hipnotizador, do meio ambiente (com ação forte no palco), ação evocativa de lembranças, traumas, pelo método hipnótico ou pelo desejo de cura. A ação evocativa é produzida principalmente pela palavra, pronunciada de forma impositiva sob a forma de ordens ou suave, de maneira rítmica, débil, monótona e persistente. A repetição frase por frase, ou palavra por palavra, reforça a estimulação cortical<sup>15</sup>.

### 1.5. Rito, mito e religião

A palavra religião vem do latim "religione", que está vinculada ao verbo "religare", ou seja, ação de ligar. A religião pode ser definida "como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se prende, se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais"<sup>17</sup>.

Para os antigos, a religião é a reatualização e a ritualização do mito. O mito é uma função importante para as civilizações primitivas, sendo uma garantia do ritual, que também proporciona ao homem orientação em termos de regras práticas. Além disso, exalta, explica e compila a crença, desta maneira preservando e fixando princípios morais. O rito tem o poder de suscitar o mito, em que o homem se beneficia das forças e energias que brotaram nas origens. Nessa situação, o rito tem "o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado"<sup>17</sup>.

Alves<sup>18</sup>, diz que a religião nasce a partir do momento em que o homem tem o poder de dar nomes as coisas, fazendo uma separação entre coisas de importância secundária e coisas na qual seu destino, sua vida e sua morte se pendem. Sendo assim, a religião se apresenta como um tipo de fala, uma rede de símbolos, em que as experiências pessoais seguem ao encontro ao sagrado. Por meio dos símbolos sagrados o homem retira o medo e edifica reservas contra a desordem.

Para Levisky<sup>19</sup>, a religião se refere à indignância intrínseca de sobrevivência, ter esperança, fé, de reconhecer e ser reconhecido e a necessidade de estabelecer meta. Para tanto, o homem se apega a imagem do Divino, para que possa projetar suas angústias, buscar sua origem, não se sentir só e entender o que é desconhecido. Para os praticantes, a religião representa uma luta entre o ego ideal e o superego, situação na qual é feito o confronto entre os valores herdados e os vivenciados na sociedade, como ódios inconscientes, frustrações, invejas. Esses sentimentos surgem, para o sujeito, como pecados cometidos, necessitando dessa forma a mão do Divino, que por meio da fé recebe a absolvição e abrandando "o mal estar da civilização"<sup>19</sup>.

Para Durkheim<sup>20</sup>, a religião é uma invenção da sociedade, e que a mesma revelam realidades ligadas e é uma forma de manter, gerar ou remanejar alguns estados mentais desses grupos. Freud<sup>21</sup> enfatiza que a religião foi criada para **defesa do ser humano**, contra o estado de desamparo infantil que perdura a vida adulta. Desta forma a religião responde a necessidade de um pai poderoso que proporciona proteção, segurança e preserva o homem de uma neurose individual. Levisky<sup>19</sup> aponta que as defesas maníacas incidem com a necessidade de se apegar ao Divino, preenchendo o vazio existencial e enfrentamento da dor.

Segundo Winnicott<sup>22</sup> a religião é uma manifestação da "utilização da ilusão". Essa ilusão não é um engano ou fantasia, mas um empenho para afirmar a criação da vida.

## 2. Objetivo

Este trabalho tem por objetivo identificar os aspectos comuns cientificamente reconhecidos no emprego da hipnose clínica e experimental em pareamento com as estratégias observadas nos rituais religiosos, em especial, nas novas igrejas de origem católica e protestante.

## 3. Método e procedimento

Utilizamos o método de pesquisa bibliográfica valendo-nos de materiais de diferentes fontes públicas, como livros, artigos, programas televisivos e publicações web.

A hipnose clínica e experimental é descrita pelos métodos empregados no procedimento de

indução e pelo resultado que caracteriza o estado hipnótico, passível de mensuração pelos protocolos indicativos dos níveis de transe (Escala de Profundidade). O estado hipnótico suscitabiliza o *sujet* que se torna receptivo às sugestões do operador, que pode interferir em suas atitudes, emoções e comportamentos. A Tabela 1 mostra os principais pontos explorados pelo operador pela consecução do transe hipnótico.

A mescla desses estímulos ou a ênfase dada a um aspecto em especial (auditivo, visual ou cinestésico), determina para alguns *sujets*, por características singulares identificadas na entrevista e na observação que antecede o procedimento pelo operador, graus diferentes de respostas (níveis de transe). Devem-se relevar outros aspectos determi-

nantes desses estados e de difícil mensuração, como a expectativa acalentada pelo *sujet* em relação ao procedimento. O nível de ansiedade observado pode ser uma variável favorável ou desfavorável à medida que o foco flutua entre o que é percebido e o que é esperado<sup>23</sup>.

Pensar as etapas que induzem ao estado hipnótico como uma “receita de bolo” exclui, evidentemente, os aspectos favoráveis e relevantes sob a perspectiva de saúde e bem estar, confirmado por inúmeros trabalhos científicos. Por ora, nos interessa em especial a forma em detrimento do conteúdo, ainda que esses aspectos mostrem-se indissolúveis sob diversos ângulos.

**Tabela 1: ASPECTOS DA INDUÇÃO E FENÔMENOS CORRELATOS**  
**Indução consensual – clínica ou experimental**

<p><b>ESTIMULAÇÃO PERCEPTUAL AUDITIVA</b>            Repetições rítmicas, monótonas e persistentes;            Abuso na utilização de sinónimas e truísmos;            Sons eletrônicos, mecânicos ou instrumentais (rítmicos, débeis e persistentes);            Estimulação sonora bilateral.</p>
<p><b>ESTIMULAÇÃO PERCEPTUAL CINESTÉSICA</b>            Toques sutis em regiões específicas do corpo (fronte, face, pálpebras, nuca, etc.);            Mudanças bruscas de postura – alteração do equilíbrio postural;            Estimulação bilateral por meio de toques;            Movimentos corporais inesperados (quebra do padrão reconhecido e esperado).</p>
<p><b>ESTIMULAÇÃO PERCEPTUAL VISUAL E IMAGINATIVA</b>            Fixação em estímulos luminosos, pontos fixos ou em movimento;            Utilização de recursos ou objetos (a mão, pêndulo, caneta, etc);            Exploração das representações mentais conhecidas;            Estimulação na produção de imagens mentais;            Evocação de poder e competências por modelos conhecidos;            Exploração e acesso às memórias com exacerbação das emoções.</p>

A indução experimental ao estado hipnótico pressupõe etapas orquestradas pelo agente que segue uma metodologia determinada. As metáforas, bastante utilizadas no processo de indução, é um modo de exploração da imaginação que repercutirá nas percepções e sensações vivenciadas, favorecendo o aprofundamento na experiência. Por esse meio, pode-se sugerir alucinações visuais de maneira indireta, referindo apenas como possibilidades a acontecer – como a metáfora ou as parábolas orientam de modo indireto.<sup>24</sup>

### 3.1. Estados da consciência e os rituais

Os templos e igrejas comumente apresentam em suas edificações luxo e suntuosidade. As portas e janelas são imensas e bem desproporcionais à altura de um homem. O pé direito alto dá a sensação ao fiel adepto de pequenez e insignificância, colocando-o numa posição de submissão e sujeição ao **poder** – representado pela grandiosidade da igreja. A tecnologia atualmente compõe

o ambiente que potencializa a acústica e distribui a iluminação com foco no púlpito e no pregador religioso. O *setting* cria a condição ideal e é pre-posto para a mudança de estado e a projeção de uma condição suprema que aproxima do poder, que faz sentir poderoso.

A cura é ofertada em muitas reuniões e é a representação maior do milagre, da constatação do **poder** anunciado. Muitos pregadores exploram nos cultos a realização do milagre pela cura de uma patologia, muitas vezes de pacientes desenganados. Exames são exibidos e testemunhos reforçam e conduzem os fieis à exortação coletiva.<sup>24,25</sup>

Alguns líderes carismáticos utilizam práticas que levam o grupo a reações parecidas com as descritas no magnetismo mesmeriano. Estratégias utilizadas em movimentos religiosos conhecidos por cair-no-espírito, avivamento, unção, cai-cai, dente de ouro, risada santa, fanerose, entre outros, desencadeiam reações diversas como choros e convulsões, tremores, gritos, desmaios e somatizações diversas. Um dos líderes fundador do movimento fanerose, o canadense Paul Gowdy, revelou depois de dez anos à frente desse movimento, que isso não passava de um engodo a qual as pessoas eram levadas a crer na expressão do divino quando “embriagadas no espírito”. Em dissidência e arrependimento em relação ao modelo que criou, Gowdy publicou carta aberta, em que destacamos a seguinte frase:

*“...depois de um ano na “benção” preguei num encontro de pastores e falei: amigos, temos os sacudido, nos arrastado pelo chão, rolamos por terra, rimos, choramos e adquirimos as amisetas da igreja. Mas não temos avivamento, nem salvação, nem frutos, nem aumento de evangelização, por isso, qual é a graça?”  
Paul Gowdy.<sup>26</sup>*

Segundo Campos<sup>27</sup>, sob a visão tripartida dos antigos hebreus, o cosmos divide-se em três partes: o céu, a terra e o inferno. No céu a morada de deus e seus anjos, na terra a criação divina entregue aos seres humanos, e no inferno as regiões inferiores destinadas a acolher a alma de mortos e demônios. Para esse autor, o mundo é a arena onde se dá à luta entre deus e satanás e seus exércitos de anjos. O objeto dessa guerra é o ser humano, cuja adesão é disputada em renhidas batalhas espirituais<sup>27</sup>.

As crenças neopentecostais refletem essa antiga perspectiva do mal personificado nos demônios. Por essa razão é frequente o início do cultos a “amarração dos demônios” para que estes não interfiram no desenrolar do ritual. Há, portanto, uma guerra cósmica dramatizada pelos cultos em que os milagres, conversão e exorcismo, são amostras da vitória de deus contra as forças diabólicas<sup>27</sup>.

Características comuns nos rituais indicam que certos procedimentos potencializados pelo alto grau de expectativa do fiel religioso, favorece o acesso aos estados modificados da consciência. A expressão desses estados pode ser verificada por alterações emocionais e comportamentais durante o ritual, em que comumente se verifica a exortação em choro, gritos e movimentos corporais. Esse tipo de resposta assemelha-se, como já dissemos, ao chamado transe histórico mesmérico, em que certo frenesi assola o ambiente.

O padrão de indução hipnótico observados na clínica psicológica e na experimentação científica obedece a um protocolo que varia na técnica, porém não no conteúdo. Desde a recepção até o propriamente o término do atendimento, o esclarecimento sobre o procedimento e a conduta profissional permeia as ações e diretivas condutuais.

A análise comparativa como se observa nos quadros abaixo, mostra as ações observadas em cada fase em razão da intenção objetivada, seja na atuação clínica, experimental ou teatral, ou mesmo na conduta orientada nos rituais neo-evangélicos e neocatólicos. Categorizamos pelos aspectos reconhecidamente presentes em quaisquer das abordagens, tal qual segue: recepção/adesão (Quadro 1); local/preparação (Quadro 2); códigos (Quadro 3); procedimento/indução (Quadro 4); objetivo (Quadro 5); operação/manejo (Quadro 6); efeito esperado (Quadro 7).

#### 4. Resultados

Em nosso estudo, apuramos que o transe religioso resultante em manifestações emocionais, exortação, cantos e danças, movimentos estereotipados e repetidos, muito se assemelham ao transe histórico mesmérico. As etapas litúrgicas obedecem a métodos e procedimentos baseado na expectativa individual, que se reforçam no coletivo. A metodologia de indução ao transe

hipnótico, do mesmo modo, vale-se da expectativa do *sujet* como condição facilitadora e reforçadora dentro do grupo. As respostas emocionais

(catárticas) com efeitos comportamentais comumente são verificadas.

## 5. Considerações finais

As observações baseadas em nosso estudo sob a perspectiva de métodos de indução ao transe demonstraram a presença de elementos comuns nos rituais religiosos e na metodologia elementar de indução hipnótica. Outras variáveis mostraram-se relevantes e passíveis de investigação, como as

características pessoais dos líderes religiosos e a preparação dos ambientes e o seu contexto de realização. Sugerimos novos estudos comparativos que abarquem essas variáveis, reforçando, ou não, as nossas conclusões.

**Quadro 1: Recepção / Adesão**

HIPNOSE CLÍNICA	HIPNOSE EXPERIMENTAL	HIPNOSE TEATRAL/PALCO	RITUAL NÉO EVANGÉLICO	RITUAL NÉO CATÓLICO
O <i>rapport</i> é fundamental e se inicia antes mesmo do contato entre o terapeuta e o cliente. Está presente na indicação ao profissional bem como na acolhida pessoal. A expectativa pelo resultado terapêutico favorece a adesão à proposta e a entrega a indução hipnótica consensual. O trabalho é apresentado como recurso no contexto terapêutico.	A notabilidade do pesquisador e da instituição de pesquisa credibiliza e favorece a voluntariedade e a entrega do <i>sujet</i> . Este se sente amparado e deposita alta expectativa e espírito de colaboratividade. Colabora movido pelo sentimento de utilidade e relevância social de seu ato, acalentando possíveis ganhos sociais/pessoais.	A curiosidade acompanhada de alto grau de expectativa conduz o indivíduo ao show. É criado um clima de grande expectativa em torno hipnotizador e a apresentação. O grupo se protege até que um indivíduo seja convidado a fazer parte do show quando então sente-se em desamparo. Não há expectativa de ganho.	Recepção afetuosa e sedutora acompanha o convite para a conversão. Regras de apresentação pessoal funcionam como um código de adesão. O contato com o divino é apresentado como uma espécie de atalho, na forma de revelações e descobertas do sagrado. A abordagem privilegia a necessidade do fiel e seduz para a descoberta de caminhos de salvação e transformação pessoal.	A liturgia inicia-se pelo sinal da cruz à entrada da igreja, como um signo de transição. A oração em joelhos indica reverência e submissão e a entrega ao poder representado em imagens. O dirigente inicia o rito e convida a imersão em um espaço simbólico, aflorando a emoção em ruptura ao cotidiano. Outros signos como a unção e a hóstia, elevam a “conexão” e fortalecem a adesão.

**Quadro 2: Local / Preparação**

HIPNOSE CLÍNICA	HIPNOSE EXPERIMENTAL	HIPNOSE TEATRAL/PALCO	RITUAL NÉO EVANGÉLICO	RITUAL NÉO CATÓLICO
O <i>setting</i> terapêutico sugere um encontro com a paz e a sanção das angústias. Luzes indiretas e paredes em cores suaves reduzem os estímulos externos e favorece o autoacesso. Uma cadeira confortável convida ao relaxamento. Em alguns casos, músicas suaves são utilizadas durante o processo de indução.	O local de realização do experimento torna-se menos importante do que a proposta científica em si, variando em razão da intenção da pesquisa. Multi-estímulos podem fazer parte sem prejuízo à pesquisa e/ou processo de indução (às vezes desejáveis). O valor social vinculado ao local predispõe o <i>sujet</i> à hipnose.	A comunicação interpessoal do hipnólogo no palco de apresentação direciona o foco do público e seduz ao propósito (hipnose). Os holofotes e a exposição intimidam e predispõem o indivíduo ao transe, reforçado pelo anúncio do hipnotizador que sucederá ao seu comando algumas “experiências”, antecipadas mentalmente por muitos.	O púlpito e o palco marca a diferença do representante do poder e os fieis. Músicas e hinos de louvor fáceis e com reflexões repetidos recepciona os fieis. O som amplificado e o cântico em coral contagia e estimula a participação. O êxtase e o clima emocional contagia os presentes e os “prepara para a reforma”. A magnitude das novas igrejas determina a relação de poder (grande / pequeno; forte/fraco)	As edificações são suntuosas de janelas e portas sempre enormes e arquitetura arrojada. Paredes adornadas com pinturas e imagens evocam a ligação com o sagrado e conduzem à reflexão. Cânticos e hinos de exortação preparam ao contato e a pregação da palavra. O acompanhamento é feito pelos fieis em livro litúrgico deixados previamente sobre os bancos, com ajoelhadores.

**Quadro 3: Códigos**

HIPNOSE CLÍNICA	HIPNOSE EXPERIMENTAL	HIPNOSE TEATRAL/PALCO	RITUAL NÉO EVANGÉLICO	RITUAL NÉO CATÓLICO
Há um código contido no ato dedicado como “um caminho de solução” terapêutica. Um conjunto	Comandos, roteiros e <i>scripts</i> previamente estabelecidos são utilizados metodológica-	Desafios, provocações e comandos levam o indivíduo ao transe, muitas vezes desavisadamente.	Os “convertidos” tratam-se por “Irmão” e vestem-se de modo estereotipado. Fazem-se identificáveis	Os fieis carregam consigo objetos de devoção e liturgia, como hinários, escapulários, evange-



de ações intencionalmente colocadas funciona como signos provocadores e facilitadores para o atingimento de um estado mental desejado, como por exemplo, o tom, o ritmo e a frequência da voz do terapeuta. Com o tempo, o contexto, a música suave e a imagem do terapeuta, passa a ser um signossinal indutor natural e comum.	mente para a obtenção do estado hipnótico, conferindo um <i>status</i> assertivo ao processo. Pode haver a “instalação de um signossinal” para a obtenção do estado hipnótico num tempo abreviado. Prevalece o método em detrimento do resultado, posteriormente avaliado.	Signossinais verbais, gestuais e cinestésicos são “instalados” com consequentes respostas comportamentais – enjeito do hipnotizador. Anúncios intencionais de que “todos verão”, “alguém será chamado”, etc., são códigos alinhados à intenção do show.	por características comuns, como mulheres com cabelos longos e presos e homens com cabelos e barbas aparadas – “os escolhidos”. Frases e palavras como: “a paz do senhor”; “aleluia”; “glória senhor”, etc., são apresentadas como códigos que marcam o início ou fim do ritual, emoldurando o comportamento no rito. Anúncios de revelações e curas elevam a expectativa.	liários e terços. O orador dá comandos para o acompanhamento em repetições de frases e a solicitação de que os fieis fiquem em pé, ajoelhem-se ou fiquem sentados. A purificação dos “pecados” e/ou a redenção é a promessa da manifestação do Espírito Santo.
--	--	---	--	--

**Quadro 4: Procedimento / Indução**

HIPNOSE CLÍNICA	HIPNOSE EXPERIMENTAL	HIPNOSE TEATRAL/PALCO	RITUAL NÉO EVANGÉLICO	RITUAL NÉO CATÓLICO
A indução é declarada e explícita. A meta é pré-estabelecida em razão da necessidade previamente expressa pelo cliente. O terapeuta convida o cliente ao “trabalho” com hipnose e utiliza técnica conhecida e/ou adaptada. Etapas como indução, aprofundamento, sugestão (direta ou indireta) e saída do transe são cumpridas. Pode ser orientado o acesso às memórias na intenção terapêutica. O nível do transe tem baixa importância.	A indução é declarada e explícita. O pesquisador conduz o trabalho em razão de sua investigação, pela confirmação ou não de seus pressupostos. A meta é pré-estabelecida, porém nem sempre conhecida pelo <i>sujet</i> . A indução segue um modelo formalizado com etapas definidas. As Escalas de profundidade do estado hipnótico conferem rigor ao procedimento e fidelizam a pesquisa. <i>Sujets</i> refratários podem ser excluídos do experimento.	Indução declarada explícita e/ou implícita. O hipnólogo trabalha com o improviso e utiliza as circunstâncias em favor de sua intenção. A sugestão é impositiva e direta. A resposta do indivíduo confirma o “poder” do hipnotizador e as sugestões impostas. A indução é rápida com técnicas que contemplam diferentes estratégias. Nesse tipo de indução, estados sonambúlicos são frequentes, com amnésia parcial ou total após o transe. Hipnólogo é um hábil comunicador.	Indução implícita não declarada. O orador frequentemente utiliza uma voz gutural (estereotipada) com variações de ritmo e volume. Emprega palavras de ordem e refere ao “poder que será sentido”, enquanto gritos e louvores entremeiam a pregação (reforço). O êxtase leva os presentes em contágio a levantarem os braços e baterem palmas ou dançarem. Noutros momentos a meliosidade das músicas leva as pessoas a se abraçarem ou mesmo ao choro emocionado, em profundo transe.	Indução implícita não declarada. Há o anúncio da manifestação do poder da água benzida ou do manto, que “se manifestará” sobre os presentes. A “liberdade que liberta” é conclamada e será sentida por aqueles que se “entregarem”. O clima de expectativa em torno da unção aplicada pelo representante do poder sugere proteção e poder. A emoção sentida prenuncia os “escolhidos”.

**Quadro 5: Objetivos**

HIPNOSE CLÍNICA	HIPNOSE EXPERIMENTAL	HIPNOSE TEATRAL/PALCO	RITUAL NÉO EVANGÉLICO	RITUAL NÉO CATÓLICO
Declarados e consentidos com possibilidades de resultados favoráveis e responsabilidade ética fiscalizada.	Declarados e consentidos, sem a proposta ou o compromisso de resultados, com responsabilidade ética pré-informada.	Declarados e nem sempre consentido, com a proposta de entretenimento e sem assumida responsabilidade pelas consequências.	Não declarados e consentido por adesão. O compromisso é determinado pela fé e “adesão” ao culto, que conduz ao atingimento da “graça”.	Não declarado e consentido por adesão. O compromisso é determinado pela fé e “adesão” ao culto, que conduz ao atingimento da “graça”.

**Quadro 6: Operação / Manejo**

HIPNOSE CLÍNICA	HIPNOSE EXPERIMENTAL	HIPNOSE TEATRAL/PALCO	RITUAL NÉO EVANGÉLICO	RITUAL NÉO CATÓLICO
A repetição do procedimento na ação clínica e a orientação de autoexercícios (auto-hipnose) são medidas comuns ao processo terapêutico em razão do objetivo.	A indução hipnótica pode ser em ação única ou repetida, de acordo com a metodologia adotada no experimento.	O hipnotizador se detém mais à confirmação de sua ação hipnotizante com repetições rápidas e sucessivas, e sugestões que a confirmem.	A manifestação observada nas ações de desobsessão e descarrego a cada culto reforçam o poder da ação e eleva a adesão, tornando os fieis multiplicadores.	A renovação acontece por ações onde o líder utiliza um recurso (manto, água benzida, etc) levando os fieis à “transformação íntima” através de transes coletivos.

**Quadro 7: Efeito Esperado**

HIPNOSE CLÍNICA	HIPNOSE EXPERIMENTAL	HIPNOSE TEATRAL/PALCO	RITUAL NÉO EVANGÉLICO	RITUAL NÉO CATÓLICO
A qualidade da interação terapeuta / cliente é ingrediente para o atingimento do resultado, cuja medida é de caráter subjetivo, pessoal e exclusiva.	O resultado está voltado à intenção investigada pelo pesquisador. O pós acompanhamento do <i>sujeito</i> está vinculado à responsabilidade ética assumida.	O efeito esperado no show de hipnose é a satisfação do público e/ou os níveis de audiência, sem comprometimento do hipnólogo pós-espétaculo/apresentação.	A conversão e o compromisso do fiel com a causa e os interesses defendidos pela igreja, em nome do fortalecimento do vínculo com o sagrado, é o efeito principal verificável.	A nova igreja católica utiliza métodos até então observados nas conversões evangélicas, supostamente pela fidelização através da renovação pelo êxtase.

## 7. Referências Bibliográficas

- Domingues HMB, Sá MR, Puig-Samper MA, Gutierrez RR. Darwinismo, Meio Ambiente e Sociedade- Rio de Janeiro: MAST; 2009.
- Guynaud JP. Adormecer pela hipnose e esclarecer pela sofrologia. São Paulo: Editora Andrei; 1997.
- Del Nero H. O sítio da mente – pensamento, emoção e vontade no cérebro humano. São Paulo: Ed. Collegium Cognitio; 1997
- Souza D G. A evolução do conceito de contingência. Em R.A. Banaco (Org.), Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Santo André: Arbytes; 1999. 88-105 pp.
- Pavlov IP. Reflexos condicionados, inibição e outros textos. São Paulo: Estampa. 1990.
- Madjarof Filho P. Efeitos da sugestão pós-hipnótica observado através dos testes de atenção concentrada e memória visual. São Bernardo do Campo: UESP, dissertação de mestrado; 2003
- Setze, VW. Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa. In: Coleção “Ensaio Transversais”. v. 10. São Paulo: Escrituras; 2001
- Passos ACM; Marcondes ICL. (1998). Hipnose: considerações finais. São Paulo: Atheneu.
- Akstein D. Hipnologia. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Hypnos; 1973
- Shrout RN. Hipnose científica moderna: dos mistérios da antiguidade à ciência contemporânea. São Paulo: Pensamento; 1985
- Câmara FP. A função reguladora do transe e possessão ritual nos cultos espíritistas brasileiros. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund. (2005); 8(4): 617-628.
- Sanvito WL. O cérebro e suas vertentes. 2 ed. São Paulo: Roca. 1991
- Descartes R. Discurso do Método (1637). In Os Pensadores, 2 ed, Tradução de J. Guinsburg & B. Prado Jr., São Paulo: Abril Cultural; 1979.
- Freud S. Cinco lições de psicanálise (1910). In: Obras Completas de Sigmund Freud. 11. Rio de Janeiro: Imago; 1989.
- Priori Maia J. A hipnose como reação emocional. In: Temas de hipnologia- grupo de estudo de hipnose. São Paulo: Improta; 2012.
- Freud S. Mal estar na civilização. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago; 1989.
- Madjarof R. Mito, Rito, Religião; 1997. Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/mito.htm>. Acesso em 01 mar 2012.
- Alves R. O que é religião. 8 ed. São Paulo: Loyola; 2008.
- Levisky, R.B. (2004). Fanatismo religioso e casamento: um labirinto entre o céu e o inferno. Disponível em:
- [http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/iii\\_congresso/mesas\\_redondas/fanatismo\\_religioso\\_e\\_casamento.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/fanatismo_religioso_e_casamento.pdf).
- Durkheim E. As formas elementares da vida religiosa. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Freud, S. (1930) O Mal Estar na Civilização. Obras Completas, R Janeiro, 1966)
- Winnicott DW. (1971) O brincar e a realidade. In: Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago; 1971.
- Faria OA. Manual de hipnose médica e odontológica. 2 ed. Rio de Janeiro: Elite; 1959.
- Lerède, J. Além da razão: o fenômeno da sugestão. São Paulo: IBRASA. Tradução de Wladimir Araújo; 1984.
- Lapponi J. Hipnotismo e espiritismo (estudo médico-crítico). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira; 1945.
- Mendonça AG. Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: Grande ABC; 1997.
- Campos LS. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Rio de Janeiro: Vozes; 1997